

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA**

CURSO DE PEDAGOGIA

JOSENILDE SANTOS FEITOSA

**A PEDAGOGIA AFETIVA COMO INSTRUMENTO PARA UMA APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA**

**Aracaju – SE
2020**

JOSENILDE SANTOS FEITOSA

**A PEDAGOGIA AFETIVA COMO INSTRUMENTO PARA UMA APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA**

**Monografia apresentada à disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso do Curso
de Pedagogia da Faculdade Amadeus sob a
orientação do Prof M.Sc. Eduardo de
Andrade Gonçalves.**

**Aracaju – SE
2020**

A PEDAGOGIA AFETIVA COMO INSTRUMENTO PARA UMA APRENDIZAGEM
SIGNIFICATIVA

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia da Faculdade Amadeus sob a orientação do Prof. M.Sc. Eduardo de Andrade Gonçalves.

Prof. Esp. Williams dos Santos
Coordenador do Curso

Prof. M.Sc. Eduardo de Andrade Gonçalves.
Orientador

Prof. M.Sc. Ana Lúcia Lima
Avaliador

Prof. Esp. Lucymar de Souza Leite Santos
Avaliador

Avaliação Final: _____

Aprovada em: Aracaju ____/____/____

Aracaju
2020

Dedico este trabalho, a todos que direta ou indiretamente, contribuíram de modo profícuo para sua concretização.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem ele nada seria possível. Ao meu filho Lucas Gael que de forma direta ou na maioria das vezes indiretamente foi a minha maior inspiração e motivação para concluir o curso. Ao meu esposo que abraçou junto comigo a minha graduação e sempre se manteve ao meu lado. A minha família e amigos que sempre me compreenderam e ajudaram em minha caminhada.

Aos ensinamentos e orientações da Prof. Maria Auxiliadora Santos e o Prof. M.Sc. Eduardo de Andrade Gonçalves; a Professora Lucymar que deixa transparecer da forma mais linda a paixão por ensinar e me contagiou com o seu amor; a Professora Tâmara que além de seus ensinamentos didáticos se tornou uma grande amiga e inspiração; a Professora Ana Lúcia pelos seus ensinamentos de como entender o aluno e toda a sua ajuda nos momentos que mais precisei de uma palavra amiga para aprender a compreender os meus sentimentos; a Professora Veralúcia por ser sempre solícita e a todos os outros professores que me ensinaram tantas coisas que hoje posso fechar mais um ciclo em minha vida com a certeza que me tornei uma pessoa mais capaz e realizada por estarem sempre ao meu lado .

A todos, minha eterna gratidão.

Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras, mas também seu pensamento e suas motivações.

RESUMO

A Pedagogia Afetiva como instrumento para uma aprendizagem significativa trata da relação ensino e aprendizagem de forma afetiva, mais humana, com o aluno no centro das atenções e emoções. Desta forma, o referido trabalho teve por objetivo analisar como a Pedagogia do Amor pode auxiliar no processo de aprendizagem significativa de crianças na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Os principais teóricos que contribuíram com o enriquecimento desse trabalho foram Gurgel (2011), Alexandre (2010), Ausubel (1968, 1978, 1980), Moreira (2015) e Dantas (1992), Wallon (1973 1975). A pesquisa trata-se de uma pesquisa de campo que foi realizado em uma Escola da rede Privada de ensino e uma Escola da rede Pública, através de observações em duas turmas: uma na Educação Infantil, da rede Pública e uma no Ensino Fundamental, da rede Particular. Para a coleta de dados foi, também, aplicado um questionário com questões abertas a duas professoras, uma de cada escola. Os dados mostraram que quando o amor é a ferramenta principal do professor em sala de aula os alunos aprendem de maneira mais sutil, tornando a aprendizagem mais significativa e prazerosa, o que traz resultados positivos para todos os envolvidos no processo educativo.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem Significativa. Prática Docente. Pedagogia do Amor.

ABSTRACT

Affective pedagogy as an instrument for meaningful learning deals with the relationship between teaching and learning in a more humane way, with the student in the center of attention and emotions. Thus, the aforementioned work aimed to analyze how the Pedagogy of Love can assist in the process of meaningful learning for children in Early Childhood Education and Elementary Education. The main theorists who contributed to the enrichment of this work were Gurgel (2011), Alexandre (2010), Ausubel (1968, 1978, 1980), Moreira (2015) and Dantas (1992), Wallon (1973 1975). The research is a field research that was carried out in a private school and a public school, through observations in two classes: one in Early Childhood Education, Public and one in Elementary School, from Private network. For data collection, a questionnaire was also applied with questions open to two teachers, one from each school. The data showed that when love is the main tool of the teacher in the classroom, students learn in a more subtle way, making learning more meaningful and pleasurable, which brings positive results for everyone involved in the educational process.

Keywords: Affectivity. Meaningful Learning. Teaching Practice. Pedagogy of Love.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 DIVERSIDADE	09
3 APRENDIZAGEM E SUAS VERTENTES	11
4 AFETIVIDADE E A SALA DE AULA	14
5 METODOLOGIA	15
5.1 Escola da rede pública.....	16
5.2 Escola da rede particular.....	16
5.3 Características dos sujeitos de pesquisa.....	17
5.4 Coleta de dados.....	18
6 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	18
6.1 Atividades em sala de aula	20
6.2 Afetividade, empatia, diálogo e comportamento	22
6.3 Ação pedagógica do professor, inclusão e afetividade	24
6.4 Afetividade como ferramenta de aprendizagem	25
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
8 REFERÊNCIAS	28
9 APÊNDICE	30

1 INTRODUÇÃO

Todo o ano observa-se que inúmeros alunos são passados para séries seguintes sem ao menos saberem reconhecer o sistema alfabético completo ou até mesmo os numerais. Esse processo tem mostrado como consequência problemas maiores do que apenas ser aprovado para série seguinte, pois os alunos em questão não conseguem acompanhar os outros colegas nas atividades por estes estarem em um nível de conhecimento mais adiantado. Consequentemente encontramos uma aprendizagem nada favorável, o que acaba desencadeando diversos fatores relevantes que culminam em uma parca aprendizagem.

Um deles é a falta de motivação dos educandos em sala de aula para prestar atenção no que está sendo ensinado, levando-os a comportamentos inadequados, tais como, falta de interesse, recusa das atividades, brigas constantes com os colegas, o que muitas das vezes induz ao professor rotular tais alunos como crianças malcriadas, desinteressadas. Uma vez que não tenta entender o que se passa com elas, ou seja, o porquê do comportamento considerado inadequado, simplesmente, “excluem” das atividades propostas só aumentando o problema da aprendizagem.

O que deu impulso ao desenvolvimento desse projeto foi querer entender até que ponto uma prática docente mais afetiva, mais acolhedora pode influenciar na aprendizagem do aluno, principalmente aqueles ditos como malcriados, antipáticos, visto que, geralmente, observa-se em sala de aula uma única forma para se ensinar. Salienta-se que os problemas que surgem em uma sala de aula devem ser sempre solucionados ou pelo menos amenizados, pois a falta de empatia pode gerar problemas gravíssimos na vida do educando.

Tomando por base a diversidade dentro da sala de aula, a prática docente e a aprendizagem significativa surgem à questão de pesquisa desse trabalho: como a Pedagogia Afetiva pode auxiliar no processo de uma aprendizagem significativa para crianças na Educação Infantil e Ensino Fundamental? Com isso, uma pergunta secundária surge: É possível construir uma aprendizagem significativa usando como ferramenta principal o amor?

Desta forma, o objetivo desse trabalho é analisar como a Pedagogia Afetiva pode auxiliar no processo de aprendizagem significativa de crianças na Educação Infantil e Ensino Fundamental, permeado pelos seguintes objetivos específicos: analisar como a prática docente influencia na aprendizagem do aluno; discutir o papel da afetividade na educação; discutir a relação professor e afetividade no processo de ensino e aprendizagem.

Os teóricos que embasam essa pesquisa são: Gurgel (2011), que discute a diversidade mostrando que ela deve ser respeitada por convivermos com diversas pessoas e culturas diferentes, Alexandre (2010), que fala sobre aprendizagem humana, Ausubel (1968,

1978, 1980), Moreira (2015) que tratam a aprendizagem de forma significativa assim como Wallon (1973.1975) que discute a importância da afetividade para o ser humano, dentre outros.

O trabalho trata-se de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo, tendo como coleta de dados a entrevista, realizada com uma professora da Educação Infantil e com uma professora do Ensino Fundamental menor, em exercício, bem como observações das aulas, com os dados analisados de acordo com a categoria de respostas. O objetivo da entrevista era saber o que os educadores entendem sobre a importância da aprendizagem dentro da diversidade da sala de aula, como fazem para incluírem esses alunos, se há um planejamento voltado para incluir esses alunos que apresentam alguma dificuldade sem excluí-los das atividades e brincadeiras propostas.

Os dados apontam que uma sala de aula mais afetuosa, onde prevaleça a Pedagogia Afetiva, promove-se uma aprendizagem mais leve e satisfatória, mais significativa, com alunos participativos e encorajados, diferentemente do que acontece em uma sala de aula cujo ensino é mais tradicional, com pouca atenção aos alunos, tornando-os mais receosos e passivos.

O trabalho está dividido nos seguintes capítulos: primeiro capítulo está à introdução que mostra todo o trabalho de forma resumida, assim como a sua importância. O capítulo 2 discute a Diversidade. O capítulo 3 fala sobre a Aprendizagem e suas vertentes. O capítulo 4 mostra a importância da Afetividade e a sala de aula. O capítulo 5 trata da metodologia que foi usada nesta pesquisa. O capítulo 6 traz a discussão dos resultados e o capítulo 7, as considerações finais, finalizando com as referências que enriqueceram esse trabalho.

2 DIVERSIDADE

O mundo é uma mistura de diversidades, no qual gostos, hábitos, culturas, personalidades e temperamentos diferentes estão em constante interação e mudanças, mas nem todos compreendem seu significado. Para isso, vale à pena ressaltar o que seja cultura:

Cultura (do latim cultura, cultivar o solo, cuidar) é um termo com várias acepções, em diferentes níveis de profundidade e diferente especificidade. Como conceitos antropológicos podem entender como práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço/tempo. Refere-se a crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e “preenchem” a sociedade. Explica e dá sentido a cosmologia social, é a identidade própria de um grupo humano em um território e num determinado período (GURGEL, 2011, p. 1).

Pode-se dizer, então, que as diferenças culturais são os que tornam as sociedades, e as pessoas que delas fazem parte, singulares.

A referência à diversidade passou a ser mais presente a partir de 1990 no contexto político do nosso país e isso se deu devido à pressão internacional pelo cumprimento de acordos internacionais que tinham como principal objetivo acabar com as desigualdades raciais, de gênero, entre tantas outras (RODRIGUES; ABRAMOWICZ, 2013).

Há uma amplitude em volta do conceito de diversidade. Conforme Gurgel (2011), ela pode ser definida como uma grande variação de diferenças, ideias e características e dentro dessa perspectiva tem-se a diversidade cultural que, segundo a mesma autora, representa algo que vemos e convivemos todos os dias através das interações com os diferentes tipos de pessoas em diferentes meios sociais, os quais precisaram tolerar e respeitar as diferenças presentes no cotidiano.

Dentro do contexto escolar a diversidade tem passado por uma grande luta no que se refere à aceitação dos diferentes, visto que precisa vencer barreiras construídas historicamente e culturalmente pela sociedade que impõe de forma direta ou velada, como cada indivíduo, considerado “normal”, deve ser. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) salienta que se deve trabalhar a diversidade de forma a promover a igualdade e inclusão entre todos. Assim, pensar na diversidade é pensar no todo e não apenas naqueles que necessitam de uma atenção especial, pois toda criança e todo adolescente precisa ser visto, notado e respeitado como prevê o Estatuto da Criança e o Adolescente (ECA) (2017), no Capítulo IV Do Direito à Educação, à Cultura, ao Esporte e ao Lazer ART. 53, que diz:

A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – direito de ser respeitado por seus educadores; III – direito de contestar critérios avaliativos, podendo recorrer às instâncias escolares superiores; IV – direito de organização e participação em entidades estudantis; V – acesso à escola pública e gratuita próxima de sua residência (BRASIL, 2017, p. 46).

Assim, todos os alunos, sem exceção, têm direito ao acesso à escola e à educação e o professor precisa ter a sensibilidade de entender e compreender seu aluno para poder ajudá-lo da melhor forma possível sem exclusão por qualquer que seja a razão.

Vale ressaltar que os alunos não são diferentes apenas na fisionomia ou hábitos, eles também possuem um cognitivo e seu desenvolvimento diferenciados. Por exemplo, alguns alunos são mais lentos para entender as coisas que estão sendo ensinadas em sala de aula enquanto outros são mais rápidos. Isso já demonstra certo grau de diversidade entre os

estudantes, o que deve ser observado e devidamente respeitado por todos. A partir desse entendimento fica mais fácil adotar métodos, criar e estabelecer estratégias de aprendizagem que sejam mais eficazes.

Não adianta querer que a criança faça algo que se sabe que está acima de sua capacidade. Em uma visão vygotskiana, seria trabalhar acima da sua zona de desenvolvimento proximal¹. Infelizmente, de acordo com Luckesi (2011), o trabalho docente em sala de aula não está sendo realizado de forma reflexiva que consiga incluir mais do que excluir, pois, de forma mecânica, os professores parecem não perceber que precisam modificar a metodologia trabalhada em sala para abraçar os alunos em uma aprendizagem significativa, ou seja, abraçar a diversidade cognitiva.

Muitos docentes cumprem o seu papel mecanicamente, sem investir o necessário para que os resultados de sua atividade sejam significativos. O cumprimento mecânico da atividade docente serve muito pouco para uma efetiva aprendizagem e o consequente desenvolvimento do educando (LUCKESI, 2011, p.122).

Por conta disso, os alunos que ficam dispersos, não realizam as atividades propostas, “dormem” ou ficam com conversas paralelas durante as aulas, são rotulados como “maus alunos”, preguiçosos e acabam de certa forma, se isolando dos demais por não conseguirem se “encaixar” nas turmas. Daí, a importância do olhar diferenciado do professor, que incentive trabalhos com respeito à diversidade, o cuidado uns com os outros, para que se consiga desenvolver uma aprendizagem mais significativa através das interações estabelecidas em sala de aula. Isso poderia motivar a participação de todos nas atividades e, por conseguinte, no processo de aprendizagem. Vale ressaltar que trabalhar a diversidade é que incluir e respeitar a todos independentemente da sua religião, raça, situação econômica, etc.

3 APRENDIZAGEM E SUAS VERTENTES

Segundo o dicionário Significados (2019) a palavra aprendizagem vem de aprender. Etimologicamente, origina-se do latim *apprendere* que significa o processo pelo qual o indivíduo introduz o conhecimento adquirido na sua cognição, podendo modificar o seu contexto, dando outro significado.

Alexandre (2010) diz que o conceito de aprendizagem é um tanto complexo por ser algo muito amplo e abrangente. Há várias suposições dos teóricos que tentam dar uma

¹ Zona Proximal De Desenvolvimento é a distância entre o nível de desenvolvimento cognitivo real do indivíduo, tal como medido por sua capacidade de resolver problemas independentemente, e o seu nível de desenvolvimento potencial, tal como medido através da solução de problemas sob orientação (de um adulto, no caso de uma criança) ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1988, p.97).

definição para esse conceito, mas o que se sabe é que o cérebro ainda se faz misterioso e ninguém sabe o que se passa nele quando ocorre uma nova aprendizagem.

Vale ressaltar que todo ser necessita aprender sejam coisas simples como comer, caminhar, brincar, comunicar-se ou até mesmo aprender coisas mais complexas como uma profissão. Isso demonstra que a aprendizagem é algo indispensável na vida do ser humano e, por mais dificuldades, sejam elas cognitivas ou motoras, há a necessidade de se aprender algo no decorrer de sua vida para sua própria sobrevivência.

A necessidade da aprendizagem é algo inerente em qualquer indivíduo desde o nascimento, não importando o grau de capacidade ou de dificuldade que apresenta, portanto, essa necessidade deve ser estimulada com precisão e sabedoria, e o ambiente escolar, familiar e social é, sem dúvida, o lugar onde essa aprendizagem ocorre com mais satisfação, pois a criança constrói seu saber diário ao observar as pequenas coisas com as quais convive nesses ambientes (ALEXANDRE, 2010, p. 51).

Piaget (1896, 1980) apud Moreira (1999) defende a tese que aprendizagem é um processo que só passa a ter sentido para o indivíduo quando começa a ter significado no decorrer da sua modificação, ou seja, quando ele se usa dela para resolver outras situações quer dizer que foi, de fato, aprendida.

Na visão Piagetiana, o conhecimento do sujeito é construído a partir da interação homem-meio/sujeito-objeto, ou seja, no processo de assimilação, equilíbrio – reequilíbrio e acomodação é que se constrói o conhecimento. Toda essa estrutura é criada e toda a abordagem a realidade considera como uma estrutura de assimilação. Assim, quando o indivíduo compreende em sua mente os novos conhecimentos, ele anexa à realidade, emprega suas as ações e expõem ao meio.

Segundo Moreira (2015), às vezes, quando a criança ou o adulto não consegue compreender o novo conhecimento, a mente desiste de entendê-lo ou modifica-o para algo que consegue compreender melhor, ou seja, a percepção do conhecimento muda conforme o seu entendimento.

É através da acomodação que ocorre o desenvolvimento cognitivo e quando ela acontece na mente do ser, originar-se-ão novas estruturas de assimilações e, conseqüentemente, novos estados de equilíbrio serão iniciados para novas acomodações.

Piaget (1896, 1980) (apud MOREIRA, 2015) diz que a aprendizagem da criança decorre a partir do desenvolvimento mental através das brincadeiras dentro e fora do ambiente escolar, através da interação e da compreensão do mundo à sua volta. O processo de aprendizagem é ativo e, por mais que pareça que nada esteja ocorrendo, a criança estará aprendendo com seus erros e acertos e, à medida que a informação ou o novo conhecimento

for discutido ou colocado à disposição do aluno, este construirá o seu pensar desenvolvendo o processo de aprendizagem.

Na percepção de Vygotsky (1989) apud Basso (2000), a aprendizagem possui um papel importante para o desenvolvimento do conhecimento pela construção de signos, linguagem, através instrumentos mediadores utilizados para as descobertas e ações do indivíduo com o meio.

Vale salientar que segundo esse psicólogo, o ser humano só desenvolverá sua linguagem e escrita se associar os seus signos com a realidade, ou seja, aquilo que se pode chamar atualmente de aprendizagem significativa. Dentro dessa perspectiva, ainda na visão vygotskiana, as interações sociais são de grande importância em relação à aprendizagem e, dentre outras coisas, percebe-se a grandiosidade que o trabalhar em grupo tem para a aprendizagem significativa. O conhecimento passa a ser compartilhado e cria-se a oportunidade de se trabalhar constantemente na zona proximal de desenvolvimento do indivíduo. Vygotsky (1987, 1988) apud Moreira (2015) acreditava que a escola deveria estar atenta aos seus alunos, valorizando os seus conhecimentos e a partir destes ir moldando o indivíduo a um melhor pensamento, possibilitando-o uma superação das suas próprias capacidades.

Vygotsky (1987, 1988) apud Moreira (2015), fala que o ser humano é organicamente social e esse conhecimento se desenvolve dentro de uma relação com o outro e o meio em que o indivíduo faz parte. No entanto, esse psicólogo se preocupava muito com uma sociedade justa, benevolente, igualitária. Dessa forma, valorizava o trabalho em grupo, mostrando que o educador tem um papel importante para a formação do educando estabelecendo uma boa relação entre ambos, permitindo assim que o aluno seja um ser ativo não só na escola como também fora dela.

No entanto, para Ausubel (1968, 1978, 1980) apud Moreira (2015) a aprendizagem pode ser explicada como um processo em que o indivíduo compreende, transforma, armazena e usa as informações. Considera que cada ser é diferente no seu modo de aprender e divide a aprendizagem em: psicomotora (envolve respostas musculares em que o indivíduo adquire através do treino e da prática), aprendizagem afetiva (são os sentimentos: dor, prazer, ansiedade, etc.) e a aprendizagem cognitiva (é o modo pelo qual o ser armazena de forma organizada as informações na mente quando ocorre a aprendizagem).

De todos os autores já mencionados, Ausubel (1968, 1978, 1980) é o que mais destaca a aprendizagem significativa, pois seu estudo foi totalmente voltado a essa forma de aprendizagem. Para ele, “a aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma

nova informação relaciona-se com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo” (MOREIRA, 1999).

As crianças quando estão em idade de frequentar à pré-escola passam pela formação de conceitos, que quer dizer que ela já compreende algumas coisas através da aquisição espontânea e, dessa forma, assimilam através das descobertas (MOREIRA; MASINI., 2001). Já as crianças mais velhas e os adultos aprendem através da aquisição de conceitos, isso quer dizer que essa aprendizagem irá acontecer através dos novos conceitos que são aceitos pelos atributos identificados e pelo envolvimento de ideias relevantes já presentes em sua estrutura cognitiva. (MOREIRA; MASINI, 2001). Isso mostra o quão importante é para o professor ter consciência dessas diferenças, pois diferentes sujeitos pedem diferentes formas de ensinar e aprender.

Moreira (2012) define aprendizagem significativa como:

Aquela em que idéias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer idéia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende (MOREIRA, 2012, p. 02).

Moreira (1999) ainda diz que a aprendizagem significativa é algo contínuo que a criança aprende partindo do princípio do que ela já sabe. Pode-se entender que cada indivíduo possui a capacidade de aprender, mas precisa de maneiras diferentes para atingir essa aprendizagem e o conhecimento que ela possui é muito relevante para isso. Dentro dessa perspectiva, para uma aprendizagem significativa, o professor deverá propor atividades diferentes, levando em conta o conhecimento prévio dos alunos, que irão confrontar o novo com aquilo que já está consolidado, proporcionando um caminho para que os estudantes possam pensar e refletir a respeito do que está sendo ensinado. Ou seja, não é uma simples memorização, mas uma forma de o educando se tornar ativo e interagir com o conteúdo e com os seus pares no processo de ensino e aprendizagem (MOREIRA; MASINI, 2001).

4 AFETIVIDADE E A SALA DE AULA

O Dicionário Significados (2013) diz que a *Afetividade* pode ser compreendida como um conjunto de qualidades que envolvem todos os fenômenos afetivos (sentimento, amor, emoção). As relações e vínculos estabelecidos por essa afetividade também estão ligadas as atitudes, isso quer dizer que em uma relação existem vários sentimentos que precisam ser cultivados para que essa relação progreda mais e mais.

A afetividade contribui muito mais do que uma pessoa possa imaginar dentro de uma sala de aula, pois ela determina como os relacionamentos acontecerão e isso influenciará no processo da aquisição de conhecimento. Nesse processo, as emoções terão um papel fundamental, como ressalta Wallon (1973, 1975), pois a criança se sente segura em aprender com quem ela tem um sentimento de afetividade, com quem ela confia e entende o seu direito de se desenvolver. Por isso, é importante criar um ambiente educativo no qual reine a empatia, o respeito à afetividade por parte de todos, posto que quando a dinâmica de boa convivência prevalece na sala de aula torna-se mais fácil estabelecer vínculos com todos os envolvidos, propiciando uma aprendizagem mais participativa e efetiva.

É preciso chamar a atenção para o fato de que usar a afetividade como ferramenta principal na aprendizagem não significa dizer que os alunos dominarão o espaço da sala de aula e o (a) professor (a) será considerado (a) como fraco (a), perdendo a autoridade. O que se tem observado em diversos exemplos e até mesmo em livros, artigos e pesquisas (Freire, 1996; Wallon, 1973, 1975) é justamente ao contrário. O uso da afetividade em sala de aula cria um ambiente no qual o professor ao invés de usar o poder, usa a autoridade, os alunos se tornam mais confiantes e mais dispostos a participarem e superarem as dificuldades encontradas. Como mostra Wallon (1973, 1975), as influências afetivas que cercam os indivíduos desde o nascimento possuem uma ação determinante sobre a sua evolução mental e contribuem para que o ser tenha um desenvolvimento mais espontâneo à medida que despertam seus interesses pelas coisas através do subconsciente.

Sabe-se que a realidade da criança em seu meio familiar por vezes não é muito favorável. Algumas enfrentam uma vida mais dura, com pouco ou nenhum afeto por parte dos pais e isso as leva a um comportamento mais ríspido com as outras pessoas do seu convívio, principalmente em sala de aula. Daí, a importância de o professor perceber além do que está sendo observado, compreendendo e usando o amor e a afetividade na sala de aula como sua ferramenta mais essencial no processo de ensino e aprendizagem.

Quando existe esse carinho o professor não precisa fazer esforço para chegar ao aluno porque este, sozinho, compreende que pode contar com o seu apoio, sentindo-se seguro em falar sobre seus medos, angústias e dificuldades; o professor torna-se o seu porto seguro.

5 METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de campo a fim de compreender se a afetividade pode contribuir para uma aprendizagem significativa na sala de aula. Com isso, foram feitas observações em duas unidades de ensino: uma Escola da rede Pública, situada em Aracaju e a

outra localizada no município da Barra dos Coqueiros, pertencente à rede Privada de Ensino. Da mesma forma, foi aplicado uma entrevista com as ²professoras titulares de sala, ambas possuíam formação acadêmica, uma em Pedagogia e a outra em Letras (GIL, 2002).

5.1 Escola da rede Pública

A escola pública possui uma estrutura muito organizada e limpa contendo cozinha, refeitório, igreja, sala de leitura, sala de oficina, sala da psicopedagoga, da coordenadora, banheiros em cada bloco, adequados para crianças, parquinho, tanto dentro dos blocos onde são ministradas as aulas como também do lado de fora, horta, sala de reunião, salas do “soninho”, com uma estrutura muito boa e adequada, pois tinham colchões, ventiladores, televisão, eram bem arejadas e bem espaçosas. As salas são bem equipadas, possui birô, algumas até dois, tinham ganchos para colocar as mochilas, adequados à altura das crianças, o que lhes conferiam autonomia, estantes com material escolar, cartazes coloridos, janelas grandes, o que proporciona serem bem arejadas, porém possuem ventiladores para ajudar na manutenção de uma climatização mais agradável.

Os profissionais que trabalham no apoio administrativo - pedagógico são: 1 coordenadora, 1 porteiro, 1 jardineiro, 2 cozinheiras, pessoal de apoio para limpeza e em algumas turmas havia estagiária além da professora.

5.2 Escola da rede particular

A escola da rede particular possui em suas dependências secretaria, biblioteca, sala de vídeo, sala de coordenação, 11 salas de aula, todas com ar condicionados, 7 banheiros sendo 3 femininos, 3 masculinos e 1 adaptado para deficientes físicos, cozinha, refeitório, pequeno pátio, possui 3 almoxarifados, sendo 1 para guardar os materiais escolares, 1 para guardar o estoque de material de limpeza e 1 para guardar utensílios de limpeza, utilizados diariamente. Há sala de coordenação de esporte, sala de xadrez, espaço destinado a prática de esportes como Gr e Judô. Além disso, o colégio possui uma ampla área verde, contendo uma horta e um local destinado a criação de alguns bichinhos domésticos, um campinho de futebol e um pequeno parque.

O quadro de funcionários é composto por: 1 diretor pedagógico, 1 coordenadora de esporte, 2 auxiliares de coordenação, 2 secretárias (1 pela manhã 1 pela tarde). Além de professores, também possuem estagiarias para o auxílio na Educação Infantil, 1 professor de

² As professoras se chamaram Professora 1 e Professora 2 para preservarem suas identidades por motivos éticos.

psicomotricidade, dança, música e inglês. Na cozinha: 2 cozinheiras, uma para produzir os lanches que são vendidos outra para produzir as refeições do almoço e jantar porque a escola também funciona em tempo integral. No quadro de funcionários da limpeza há 3 auxiliares de serviços gerais, sendo que uma delas também é responsável pelo banho das crianças que ficam o dia todo na escola.

5.3 Características dos sujeitos de pesquisa

A primeira turma escolhida para a pesquisa possuía 15 alunos, 8 meninos e 7 meninas na faixa etária de 4 a 5 anos de idade pertencentes a Educação Infantil. A professora, a qual será chamada no trabalho de Professora 1, é formada em pedagogia e possui conhecimentos prévios sobre dificuldades de aprendizagens e noção de como trabalhar essas dificuldades.

Foi observado que os alunos eram bem participativos, inteligentes e espertos, no entanto, dois deles apresentavam dificuldades de aprendizagem, com características de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), para ser mais específico. Um dos alunos já está em tratamento, com laudo médico apresentado à escola, o outro, por mais que se tenha ciência que existe uma dificuldade na aprendizagem, a família recusa-se a aceitar tal diagnóstico, segundo a professora regente da sala de aula. Ademais, a escola oferece acompanhamento fonoaudiólogo para o garoto que possui laudo médico, baseada em comprovante da necessidade desse auxílio.

Os alunos ficam na escola em horário integral. No período matutino é realizada a parte pedagógica e no período vespertino jogos e brincadeiras com o propósito de aprendizado e socialização. O recreio dura cerca de 30 minutos e inicia-se por volta das 10 horas. Após esse intervalo as crianças vão para o banho, almoçam, dormem na sala do “soninho” e depois brincam.

A segunda turma observada foi a do 1º ano do Ensino Fundamental Menor. São 19 alunos na faixa etária entre 6 e 7 anos de idade. São 14 meninas e 5 meninos, sendo 1 aluna com Síndrome de Down e 1 com autismo, diagnosticado. A professora, a qual será chamada no trabalho de Professora 2, é formada em Letras, licenciatura, e cursa atualmente Pedagogia. Da mesma forma que a outra professora, sujeito dessa pesquisa, possui conhecimentos sobre dificuldades de aprendizagens e noção de como trabalhar tais dificuldades. Alguns alunos ficam no turno integral e outros só cursam o período vespertino. Aqueles que ficam no turno integral fazem a lição de casa proposta pela professora, o que

deveria ser respondido em casa. Entende-se, com isso, que o turno integral passa a ter características diferentes das que foram estabelecidas pelos órgãos reguladores.

Além do mais, ao observar as aulas, percebi que, nessa escola, os alunos ficam, na maioria, dispersos, agitados e brigam a maior parte do tempo durante as aulas.

5.4 Coleta de dados

A fim de coletar os dados para a pesquisa, além das observações, foi aplicado um questionário com dez perguntas abertas com as professoras, na busca de entender como atuam em sala, como lidam com os alunos considerados “bagunceiros”, ou seja, com os alunos que não fazem as atividades propostas durante as aulas e as que devem ser feitas em casa, aqueles que não se comportam de forma adequada em sala de aula, bem como, conhecer o que elas entendem por Pedagogia Afetiva e a forma como lidam com as dificuldades no ensino. Da mesma forma, foram realizadas 15 (quinze) dias de observações, distribuídos em dois momentos (30.09.2019 a 04.10.2019) e (28.10.2019 a 08.11.2019) para verificar, *in loco*, a vivência diária dos alunos com seus diversos pares.

6 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Muitas vezes, o que falta no desenvolvimento da aprendizagem da criança são os estímulos, por isso, falamos que tal criança fala mais que o outro ou simplesmente que aquela criança compreende melhor os comandos solicitados que o outro apesar de possuírem a mesma idade.

Ao serem questionadas sobre a relação existente entre professor e aluno, responderam:

Professora 1: Sou amiga deles, falo que podem contar tudo pra mim. Fico preocupada com o desenvolvimento deles, faço com que todos participem das atividades, pego no pé porque alguns precisam de uma atenção maior devido às dificuldades de aprendizagem e não quero que eles fiquem para trás porque eles conseguem acompanhar a turma. Tenho 2 alunos com TDAH.

Professora 2: Ensino da mesma forma, alguns acompanham outros não, sozinha não dá pra fazer muita coisa. Alguns deveriam estar em escolas especializadas para eles. Eu sou rígida mesmo, porque se não eles dominam a sala, não dá para abaixar a cabeça e fazer cara de boazinha.

As falas da Professoras 1 e 2 podiam ser observadas na prática, pois, enquanto a primeira demonstrava uma relação muito boa com seus alunos, procurava envolvê-los nas atividades, fazia dinâmicas, a segunda não demonstrava a mesma preocupação, dava a

explicação do conteúdo, não fazia nenhuma dinâmica e se mantinha em uma postura mais rígida diante da interação com os alunos, ao comportamento deles, as atividades e perguntas que os alunos faziam.

Os discursos mostram que cada professora possuía um método de ensino e uma forma de agir em sala de aula, o que didaticamente é considerado correto, porém, dentro da perspectiva da Pedagogia Afetiva, a forma de agir da professora 2 com os alunos, em sala de aula, não favorecia a um desenvolvimento progressivo destes, criava um entrave para um entendimento melhor sobre os seus comportamentos e não se mostrava conduzir a uma aprendizagem mais significativa. Segundo Wallon (1973, 1975):

Em geral, professores tendem a julgar as manifestações infantis pela ótica esperada dos comportamentos adultos. Esse equívoco, em geral, leva os adultos a interpretações enviezadas e redutoras da expressividade infantil. Sobretudo, os juízos morais tendem a impedir que uma melhor compreensão favoreça práticas pedagógicas mais condizentes com o momento vivido pela criança (WALLON, 1973, 1975; p. 41 e 42).

A forma de agir da professora1, como mencionado anteriormente, era bem diferente e podia-se observar, durante a pesquisa, que o comportamento das crianças era reflexo do que vivenciavam em sala, ou seja, da forma como eram tratadas.

Professora 1: Sempre festojo quando as crianças acertam as atividades com abraços, aplausos, beijos, fico muito feliz em vê que eles estão progredindo. Quando erram, peço para tentar de novo e ajudo até acertar para comemorar também.

Professora 2: Não faço nenhuma dinâmica, os conteúdos faço no quadro para (copiarem a atividade no caderno e depois responderem, é sempre dessa forma). Alguns fazem e outros ficam sem fazer nada mesmo. Não perco mais meu tempo com quem não quer fazer. Deixo sentado no fundo da sala ou perto de mim e mando ficar quieto para não atrapalhar os que querem fazer algo.

Na turma da Professora 1 podia-se verificar que nenhum estudante ficava de fora, ou seja, havia uma preocupação de que todos estivessem envolvidos. Os alunos eram bastante participativos, escutavam os pedidos da professora e não demonstravam medo com a mesma, pelo contrário, tinha segurança em dizer que não sabia fazer algo. Isso é reforçado nas palavras da docente, que ressalta todo o carinho que tem com os seus educandos e a afetividade que carrega em suas ações em sala de aula.

Na turma da Professora 2 era nítido a distinção dos que sabiam do que os que não sabiam fazer as atividades, porque a educadora fazia questão de expor o aluno causando constrangimento e tristeza ao mesmo. Os alunos ficavam com vergonha quando a professora falava que não aprendiam nada, que só sabiam tirar a paciência dela. Para piorar a situação,

ela falava o nome desses alunos. Eles tinham medo de dizer que não tinham entendido a atividade e, aí, geralmente perguntavam aos colegas que tinham entendido como respondiam.

A fala da Professora 2 parece carregar um mal-estar profissional quando salienta que perde tempo com quem não quer participar das atividades. No que se refere à Pedagogia Afetiva, essa fala é incoerente, visto que, como ressalta Wallon (1973, 1975, p. 42):

Não se trata de buscar o controle das condições em sala de aula a partir da coerção das manifestações expressivas dos alunos, mas da melhor compreensão de seu significado para um manejo que, incorporando a dimensão afetiva, possibilite uma melhor qualidade e aproveitamento da aprendizagem (WALLON, 1973, 1975, p. 42).

Pensando em um processo de ensino e aprendizagem que trate todos por igual, que busque a inclusão e não a exclusão, ter uma professora com essas características como a da Professora 2 em uma sala de aula parece indicar um retrocesso educacional, mostrando a necessidade da docente de um repensar pedagógico. A escola é aonde se vai para aprender de forma segura, criar vínculos, socializar-se e, deparar-se com um educador que não contribua para esse propósito torna-se bastante decepcionante. Vale salientar que a forma de pensar e agir da Professora 1 faz toda a diferença com seus alunos e é o ambiente que todo estudante deveria encontrar em sua sala de aula.

De acordo com Luckesi (2011) o trabalho do professor precisa ser refletido sobre suas ações pedagógicas para que ele possa perceber quando estas precisam ser substituídas por métodos mais eficazes proporcionando uma aprendizagem mais significativa.

6.1 Atividades em sala de aula

Ao serem questionadas como realizavam as atividades com os alunos, as professoras responderam:

Professora 1: Sempre com todos juntos. Alguns demoram mais que outros, ajudo um pouco, mais aqueles que precisam de atenção, também peço para os amigos que terminarem primeiro ajudarem seus colegas.

Professora 2: Faço no quadro para eles copiarem no caderno, explico e eles respondem, mas só faço com uma parte da turma, porque não adianta perder tempo que os outros não fazem.

É fato que todos agem e desenvolvem de uma maneira diferente do outro e essas diferenças precisam ser consideradas dentro da sala de aula. Alguns são mais lentos e outros mais ágeis, contudo, não se pode ignorar a diferença de atitude na fala das duas professoras. Observa-se pelas falas que a Professora 1 mostra um cuidado, uma atenção com todos os educandos, principalmente aqueles que possuem mais dificuldade de aprendizagem e são mais

lentos no cumprimento das atividades. A Professora 2 está preocupada apenas em cumprir o seu trabalho e, quando ela diz que não se deve perder tempo com os alunos que não fazem as atividades, mostra o quanto ela está distante da Pedagogia Afetiva, o quanto ela está distante do que seja a verdadeira educação.

Na Pedagogia Afetiva, nunca se deve ignorar um aluno ou parte de uma turma porque não conseguem acompanhar os demais. Ao contrário, ela é acolhedora. A metodologia tradicional parece não ser uma opção favorável já que é evidente, pela fala da Professora 2, que nem todos conseguem acompanhar as atividades propostas e são excluídos da atenção devida no processo educativo. Essa maneira mecânica de agir na sala de aula deixa passar pontos relevantes para o aluno pelo simples fato do cumprimento do tempo pedagógico, causando assim prejuízos consideráveis para o aluno por muitas vezes irreversíveis (LUCKESI, 2011).

Demonstrar interesse na aprendizagem do aluno estabelece um vínculo muito positivo o que se torna uma ponte entre o conhecimento, o aluno e o professor. Wallon (1973, 1975) deixa evidente que a afetividade é importantíssima na construção da aprendizagem do indivíduo, principalmente para as crianças.

Quando perguntado sobre as atividades a serem realizadas em grupo, responderam:

Professora 1: trabalho muito em conjunto, como uma grande equipe, as vezes divido a sala em dois grupos para se tornar mais divertido para eles trabalhando dentro de uma competição sadia.

Professora 2: Não dá para trabalhar coletivamente, que não funcionava com essa turma, eles são muito ousados e desobedientes. Eles brigam o tempo todo.

Trabalhar em grupo é muito importante para o desenvolvimento social do aluno, sem contar que juntos eles aprendem melhor do que cada um por si. A professora 2 deixou claro que não via a interação social entre os alunos como um elemento importante para ensiná-los. Diferente da Professora 1 que entendia essa importância.

A Professora 1 agia de forma correta com seus alunos. Vygotsky (apud DANTAS, 1992), diz que o aluno necessita da interação com o outro para a aprendizagem acontecer de forma satisfatória. A aprendizagem coletiva se faz importante em todas as idades, pois através dela o aluno estabelece vínculos afetivos, aprende a conviver em sociedade e aprende muito mais através da troca com o outro da relação. Vygotsky (1987, 1988) apud Moreira (2015) e Wallon (1973, 1974) descreve a importância dessa relação para o ser viver e aprender em sociedade, pois é através dessa relação que o conhecimento se desenvolve.

Segundo Luckesi (2011), o princípio político-social da educação é que o professor precisa ter e demonstrar interesse em que o aluno aprenda e obtenha um desenvolvimento individual e coletivo. Se isso não ocorre será difícil ter um progresso dos envolvidos.

6.2 Afetividade, empatia, diálogo e comportamento

Ao serem questionadas sobre a relação afetiva e a empatia na sala de aula, responderam:

Professora 1: Quando eles brigam faço eles refletirem suas ações, e se for o caso peço para pedir desculpas ao seu colega e dá um abraço como forma de estarem fazendo as pazes. Eles precisam ser amigos e não ficarem brigando. Dou abraço neles, beijo, trato como se fossem meus filhos.

Professora 2: Esses meninos brigam o tempo todo não sabem ser amigos. Não gosto de ficar abraçando e beijando não. Eles estão sempre suados.

A fala da Professora 1 mostra o quanto ela carrega nas suas ações o sentido real da palavra “educação”, ou seja, a formação do indivíduo nos aspectos cognitivo, psicomotor e social. Pode-se observar que o carinho e a forma afetiva que os alunos tinham com ela faziam com que o relacionamento entre eles mostrasse uma confiança em expressar seus sentimentos, seus entendimentos referentes às atividades e conteúdo sem medo de falar que não havia entendido como resolver as questões; sem medo de errar. Isso fazia com que os alunos fossem bastante participativos nas aulas, demonstrando que queriam aprender. Como ressalta (GATTI, 2017), o respeito e o bom relacionamento entre ambos (professor e aluno) tornam o comprometimento e a responsabilidade mais presente no cotidiano escolar. Para Alexandre (2010), todo ser precisa aprender e essa ação precisam ser satisfatórios, pois faz parte da construção diária de cada aluno. No entanto, isso não pode ser inferido a partir da fala da Professora 2.

Perguntado as professoras como era o diálogo, responderam:

Professora 1: é muito difícil eu levantar a voz para eles, sempre converso quando fazem algo errado, quando algum aluno fala mais alto, de imediato, pergunto o porquê daquele tom de voz, visto que todos estavam próximos uns dos outros.

Professora 2: Não adianta conversar com esses meninos não, tem que ser na base do grito mesmo pra vê se escutam e obedecem.

Pode ser constatado na sala da Professora 1 que havia muito diálogo com os alunos em um tom de voz moderado, o que corrobora a sua fala. A educadora não elevava a

sua voz para conduzir as atividades ou exercer a sua autoridade. Diferentemente da Professora 2 que passava uma imagem negativa para os seus alunos, pois sempre culpava os alunos por sua conduta rígida em sala. Ela relatava que era rígida por conta do comportamento dos próprios alunos, sua sala era muito barulhenta devido o tom de voz alto de todos. Para esta professora, o grito seria a base para a obediência, o que vai de encontro ao processo educativo com base na Pedagogia Afetiva.

Manter o diálogo é de extrema importância para que o aluno consiga compreender que com uma boa conversa, pode-se solucionar qualquer conflito. O respeito entre professor-aluno também se faz essencial para qualquer relação, e isso precisa ser ensinado à criança e não a imagem de quem fala mais alto tem o poder predominante dentro da sala de aula (GATTI, 2017).

Quando questionadas sobre o que faziam com as crianças que não se comportavam de maneira adequada na sala de aula, responderam:

Professora 1: na minha turma tem 1 aluno que é gêmeo. Como ele estudou aqui ano passado, esse ano a direção achou melhor separá-los para vê se funcionaria, porque juntos davam uma canseira. Melhorou bastante o comportamento deles dois, são outros meninos. O restante é coisa de criança mesmo do dia a dia. Converso com eles falando que não pode fazer tal coisa. Às vezes ameaço de ficarem sem recreio, mas não tenho coragem de fazer isso. Falo só por falar mesmo.

Professora 2: Brigo com eles, falo para o restante não falar mais com o que não quer obedecer, para não emprestar nenhum material escolar, para sentar distante dos outros colegas. Mas meu problema mesmo é com um deles que é insuportável, ninguém aguenta mais esse menino. Ele fica a tarde toda sem fazer nada. Já deixei de mão.

A Professora 1 sempre procura solucionar os problemas de forma favorável, sensata, entendendo o estágio de formação no qual as crianças se encontram: “(...) é coisa de criança, mesmo”; não é algo fora do normal. Contudo, pode-se observar uma diferença considerável na fala da segunda professora. A atitude de deixar uma criança isolada como forma de punição pelo seu comportamento não é coerente, isso só vai fazer com que ela se sinta mais sozinha e incompreensiva.

A forma de falar da Professora 2, além de desmotivá-los, chamando-os de malcriados, pedindo para os alunos não falarem com uma das crianças na sala de aula, a qual a professora parecia não suportar, como foi observado durante a pesquisa e está ressaltado na fala da professora, acima, leva a exclusão social em sala de aula, incoerente com o processo afetivo que deve estar presente nas ações docentes, podendo trazer danos sociais, morais, de valores e educativos sem precedentes. Ou seja, é preciso ter cuidado para não rotular o aluno

como o “bagunceiro”, “malcriado”, etc., pois essa ação pode causar graves consequências para ele, afastando-o, criando entraves nas interações e na motivação para a aprendizagem.

Melhor do que julgar e não fazer nada é tentar entendê-lo, como o faz a Professora 1, analisando os porquês das ações fora do esperado. Uma fala mais profunda pode trazer revelações importantes sobre o que está por trás de determinados comportamentos. Procurar soluções para tentar ajudar as crianças, mostra-se uma maneira mais adequada de mudar um quadro ruim de comportamento de um aluno.

Assim, os dados mostram que a conversa dialógica, um sentimento de empatia e afetividade, poderá levar o educando à compreensão e reflexão de suas ações em sala de aula e, se necessário, mudá-las.

Segundo Vygotsky (1987, 1988) apud Moreira (2015) o indivíduo necessita de interação com o outro e o meio em que convive para aprender. Dessa forma, a atitude da professora 2 não contribui com nada positivo para o desenvolvimento cognitivo, social, nem afetivo do aluno.

6.3 Ação pedagógica do professor, inclusão e afetividade

A ação pedagógica do professor precisa ser considerada como um fator importante na sala de aula, pois dela depende o aprendizado dos alunos.

Como foi mencionado anteriormente, nas duas turmas tinham crianças com dificuldades de aprendizagem (TDAH e Autismo) e deficiência intelectual (Síndrome de Down), com isso, foi perguntado o que elas faziam com esses alunos que precisavam de uma aprendizagem diferenciada, responderam:

Professora 1: Na turma eu tenho dois alunos com dificuldade de aprendizagem. Um é diagnosticado com TDAH e o outro apresenta características de TDAH também, a família deste já foi chamada, passada as devidas orientações para ir ao neurologista, porém se recusam a aceitar. Procuro ficar mais atenta a eles para não ficarem para trás. Até aqui, eles têm conseguido acompanhar a turma, tenho usado o mesmo planejamento de aula. O que tem diagnóstico faz aula com a fonoaudióloga duas vezes na semana aqui na escola mesmo, pois apresenta algumas dificuldades na linguagem também.

Professora 2: Eu tenho dois alunos com dificuldades de aprendizagem, uma tem autismo, porém ela ler perfeitamente, já a escrita ela é fraca. A outra aluna tem Síndrome de Down, não fala, não faz nada a tarde toda. Na verdade, nenhuma das duas. Geralmente as atividades são enviadas para fazerem em casa. Quando tenho tempo até tento fazer algo com a aluna que tem autismo porque os pais delas são mais exigentes. Mas, aqui não é escola para elas e o preguiçoso precisa ser avaliado. Acho que esse menino não é normal, porque ele também não faz nada. O material dele está em branco desde o início do ano.

Ambas as professoras tinham conhecimento de diferentes metodologias e práticas pedagógicas para ensinar e envolver os alunos de forma atrativa, contudo apenas uma, a professora 1, via a necessidade de fazer diferente, ter uma atenção mais aguçada, principalmente com os alunos que apresentavam dificuldade de aprendizagem e fazia uso desse conhecimento reconhecendo sua importância para estes alunos. “Procuro ficar mais atenta a eles para não ficarem para trás”. Pode-se inferir com essa fala que a professora 1 que ela entende que todos têm direito à educação, que não é algo apenas escrito na Constituição Federal.

Todos os alunos precisam ser incluídos nas atividades e brincadeiras sem distinções. Mas, obviamente que dependendo do diagnóstico de cada aluno a compreensão não ocorrerá da mesma forma que os demais, por isso, que no planejamento de aula, o docente deve considerar essa situação para que a exclusão não ocorra, como se observa na fala da professora 2. É um direito de o aluno ser reconhecido como tal independentemente das características ou diagnósticos que ele venha apresentar.

Para isso, Luckesi (2011) chama a atenção para o fato de que a educação escolar é uma instância educativa que trabalha com o desenvolvimento do educando, estando atenta às capacidades cognoscitivas sem deixar de considerar significativamente a formação das convicções.

6.4 Afetividade como ferramenta de aprendizagem

Quando indagadas sobre o que pensavam sobre uma aprendizagem carregada de afeto e significado, responderam:

Professora 1: Se o meu trabalho não for feito com amor, não faz sentido pra mim. Muitas crianças aqui não têm esse carinho e cuidado em casa, então o que eu poder fazer por elas eu farei. Elas aprendem mais rápido dessa forma, porque mostro que estou aqui para ensiná-las, ajudá-las e assim eles ficam mais confiantes para perguntarem o que não entenderam. Tem professores aqui na escola que dizem que eu mimo muito eles, mas não vejo por esse lado.

Professora 2: Eu não gosto dessa coisa pegajosa, eu falo que não sou a mãe deles, sou a professora. Eu ensino de forma normal, porque não dá para baixar a cabeça para esses meninos, se deixar eles dominam a sala.

Nas observações, verificou-se como a afetividade contribuía bastante com o desenvolvimento da aprendizagem. Devido à maneira carinhosa, afetiva da Professora 1 se relacionar com os seus alunos, estes se mostravam confiantes, participativos, motivados, entusiasmados e tinham respeito e carinho por seus colegas e pela professora. Isso mostra que

a essa professora não apenas fala que o trabalho sem amor não vale nada para ela, mas, acima de tudo, coloca em suas ações pedagógicas.

Quando comparado aos alunos da Professora 2, estes se mostravam mais apreensivos diante das perguntas realizadas por ela e demonstravam certo “medo” diante das ações impacientes que mantinha com os educandos. O que se pode inferir da fala da Professora 2 é que Pedagogia Afetiva não é uma coisa boa; é pegajosa. Para ela, o normal parece ser o ensino de forma tradicional para os alunos não dominarem os espaços de ensino e aprendizagem.

Percebia-se que, na sala de aula da Professora 2, muitas crianças não sabiam fazer as tarefas e tinham receio de perguntar como responder as questões, visto que o ambiente não se mostrava amistoso e afetuoso. Para esta professora, ela não podia baixar a cabeça; baixar a guarda. Consequentemente, os alunos possuíam um desenvolvimento mais lento do que as crianças da Professora 1 e mostravam não estar preparados para realizar as tarefas propostas.

Isso mostra, mais uma vez, que a Pedagogia Afetiva desempenha um papel singular na aprendizagem significativa dos estudantes. As crianças da Professora 1 tinham os estímulos necessários para se desenvolver e principalmente confiavam nela. “Elas aprendem mais rápido dessa forma, porque mostro que estou aqui para ensiná-las, ajudá-las e assim eles ficam mais confiantes para perguntarem o que não entenderam.” Já os alunos da Professora 2 não se sentiam seguros, não confiavam em sua professora e nem tinham os estímulos necessários para aprenderem de forma mais significativa. “Eu não gosto dessa coisa pegajosa (...). Eu ensino de forma normal (...),

A Professora 2 parece não entender que:

O vínculo afetivo supre a insuficiência da inteligência no início. Quando ainda não é possível a ação cooperativa que vem da articulação de pontos de vista bem diferenciados, o contágio afetivo cria os elos necessários à ação coletiva (DANTAS, 1992).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi de grande valia e aprendizado a pesquisa realizada sobre a influência da afetividade em sala de aula no processo educativo. O que se pode perceber é que a afetividade pode auxiliar no processo de ensino aprendizagem de forma significativa para os alunos com problemas de aprendizagem, quando o professor se dispõe a conhecer seus alunos, suas dificuldades escolares como também suas habilidades e, a partir disso, procurar métodos que os auxiliem em busca de melhorias.

O objetivo desse trabalho foi analisar como a Pedagogia Afetiva pode auxiliar no processo de aprendizagem significativa dos alunos na Educação Infantil e Ensino Fundamental, o que foi conseguido, através das falas das professoras e das observações realizadas. Ficou evidente o quanto uma aprendizagem cercada de afetividade traz bons frutos, diferentemente daquelas que não a usam.

Os dados mostraram que é possível construir uma aprendizagem significativa usando como ferramenta principal a Pedagogia Afetiva. A partir dela, a socialização flui de uma maneira mais leve entre os alunos e na relação aluno-professor, como também os alunos se mostram mais participativos nas atividades, prestam mais atenção e percebem a importância do cuidar do outro, mesmo diante de suas diferenças cognitivas; todos são especiais com seus jeitinhos únicos de serem.

O professor que ainda carrega uma postura mais dura, mais ríspida na sala de aula precisa entender e refletir sobre o seu fazer pedagógico. No entanto, sei que vai levar tempo para que a Pedagogia Afetiva seja a máxima na sala de aula, visto que, como a análise mostrou, há professores que ainda possuem enraizada a forma tradicional de se educar.

Ensinar ao aluno a ter empatia e respeito pelo outro faz parte da aprendizagem e formação do ser humano. Vai além das matérias e conteúdos curriculares; é o que se chama de currículo oculto. O medo não traz respeito de forma coerente, remete a um medo velado, que não agrega benefício algum para o aluno nem para o professor.

Daí, a importância dessa pesquisa para dissipar a visão piegas que se possa ter sobre a Pedagogia Afetiva, pois o amor é a mola mestra das interrelações estabelecidas dentro e fora dos muros das escolas. Pode até parecer clichê, contudo, o amor ainda muda o mundo por mais que muitos pensem que não.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Suely de Fátima. **Aprendizagem e suas implicações no processo educativo.** Ícone Revista eletrônica de letras 6, p. 51 – 60. 2010. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5100>>. Acesso em: 08 abr 2020.
- AUSUBEL, David. P; NOVAK, Joseph. D.; HANESIAN, Helen. **Psicologia Educacional.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BASSO, Cíntia Maria. **Algumas Reflexões sobre o Ensino mediado por Computadores.** Linguagem & Cidadania. V 2, n.2. Jul/Dez., 2000. Disponível em <http://coral.ufsm.br/lec/02_00/Cintia-L&C4.htm>. Acesso: 05 mar 2020.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- DANTAS, Heloysa. TAILLE, Yves de La. OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Teorias Psicogenéticas em Discussão.** São Paulo: Summus Editorial, 1992.
- ESTATUTO** da Criança e o Adolescente. Rio de Janeiro: CEDECA. Brasil, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GATTI, Bernadete Angelina. **Formação de professores, complexidade e trabalho docente.** Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/8429/17739>>. Acesso em : 05 maio 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GURGEL, Ângela M. Rodrigues. **Diversidade Cultural.** 2011 Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/ensaios/1885115>>. Acesso em: 03 mar 2020.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar:** estudos e proposições. 22 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar:** estudos e proposições. 1º Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MOREIRA, Marco Antônio. MASSINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem Significativa:** A teoria de David Ausubel. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias da Aprendizagem.** 2º Ed. São Paulo: E.P.U, 2015.
- MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias da Aprendizagem.** São Paulo: E.P.U, 1999.

MOREIRA, Marco Antônio. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Revista cultural La Laguna Espanha, 2012. Disponível em: <<http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf>>. Acesso em: 21 dez 2020.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete. **O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação.** Educ. Pesqui. vol.39 n°. 1 São Paulo Jan./Mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022013000100002&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 16 Out 2020.

SIGNIFICADO de Afetividade. Significados. 20 jun 2013. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/afetividade/>>. Acesso em: 21 dez 2020.

SIGNIFICADO de Aprendizagem. Significados. 27 jun 2019. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/aprendizagem/>>. Acesso em: 05 mar 2020.

WALLON, Henry (1973/1975). **A psicologia genética.** Trad. Ana Ra. In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea).

APÊNDICE

Entrevista:

1. Qual a sua formação acadêmica?
2. Como são os alunos?
3. Como é a relação entre professor-aluno?
4. Como é a dinâmica da sala em relação ao comportamento junto às atividades?
5. Como realizam as atividades com os alunos? Realizam atividades em grupo?
6. Como é a relação afetiva e a empatia na sala de aula?
7. Vocês conversam com os alunos sobre os conflitos surgidos na sala de aula,
etc?
8. O que faz com as crianças que não se comportam de maneira adequada na sala
de aula?
9. O que faz com os alunos que precisavam de uma aprendizagem diferenciada.
10. Qual a sua opinião sobre uma aprendizagem carregada de afeto e
significado?

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Josenilde Santos Feitosa, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado pelo Prof. e M.Sc Eduardo de Andrade Gonçalves, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso:

A Pedagogia Do Amor Como Instrumento Para Uma Aprendizagem Significativa atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, ____/ ____/ ____.

Assinatura da aluna concluinte